

R. GOSCINNY - A. UDERZO

Asterix

E

A SURPRESA DE CÉSAR



EDITORIA RECORD



ESTES ROMANOS
SÃO UNS NEURÓTICOS!

LUTUO!!

KID

GOSCINNY E UDERZO
APRESENTAM

Asterix E A SURPRESA DE CÉSAR

TRADUÇÃO DE CLAUDIO VARGA

Scans by
Eudes Honorato



EDITORA RECORD

Este álbum se baseia no filme *ASTERIX E A SURPRESA DE CÉSAR*, uma co-produção GAUMONT, DARGAUD e LES PRODUCTIONS RENÉ GOSCINNY, a partir de uma adaptação feita por Pierre Tchernia dos álbuns *ASTERIX GLADIADOR* e *ASTERIX LEGIONÁRIO*. O filme foi dirigido por Paul e Gaëtan Brizzi, com direção de cenografia de Michel Guérin.

Título original francês
ASTERIX ET LA SURPRISE DE CESAR

Copyright © 1985 by Les Éditions Albert René, Goscinny-Uderzo
Copyright da tradução brasileira © 1986 by
Les Éditions Albert René, Goscinny-Uderzo

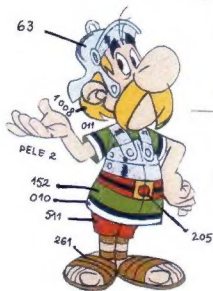
Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impressão: Grafica Editoriale Bologna, Milano, Italy.

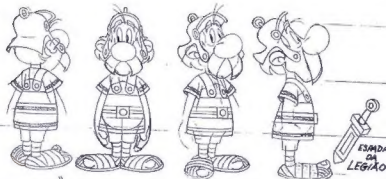
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922



Estamos no ano 50 antes de Cristo. Toda a Gália foi ocupada pelos romanos... Toda? Não! Uma aldeia povoada por irredutíveis gauleses ainda resiste ao invasor. E a vida não é nada fácil para as guarnições de legionários romanos nos campos fortificados de Babaorum, Aquarium, audanum e Petibonum...



EMBAIXO 273



"ASTERIX" (ROUPA DE LEGIONÁRIO)

Sou Asterix, herói desta aventura. Esses romanos loucos vieram mais uma vez pisar nos nossos pés na calma aldeia em que vivemos. E tudo acaba terminando em Roma, onde César organizou uma festa magnífica em nossa homenagem. Agora vou contar como Obelix, Idéiafix e eu aproveitamos a ocasião para fazer uma bela surpresa ao velho Júlio.



"CAIUS OBTUSUS"

Eu sou Caius Obdorus, herói desta aventura. Júlio César, nosso imperador, resolveu me nomear organizador do seu desfile triunfal. E eu organizei uma festa magnífica, que deixou uma lembrança duradoura em Roma. Agora vou contar que bela surpresa teve o grande César.



Que belo dia! Tudo respira paz e alegria de viver em nossa pequena aldeia. No acampamento romano de Babaorum, porém, os moradores estão menos tranqüilos... Parece que acabaram de receber um jovem inexperiente que vem dando trabalho ao centurião. Foi Veteranix, que esteve colhendo cogumelos na floresta, quem ouviu a conversa deles.

O centurião (um medroso!) estava preocupado:

- Tudo bem, sentinela, nada de novo?
- Tudo bem, centurião, nada de novo.
- Eles estão calmos, ainda bem!

Então, o jovem inexperiente começou a delirar:

— Melhor, vamos aproveitar a surpresa. Precisamos atacar agora! Acabar com eles!

— Ei, espere aí, decurião Eiassus! — disse o centurião. — Você é novo por aqui?

— Cheguei com a última coorte.

— Então eu vou lhe dar um bom conselho: não ataque nunca os gauleses irredutíveis, decurião! De todas as aldeias da Gália, esta é a mais perigosa. E de todos os habitantes desta aldeia, os dois piores são um enorme animal sanguinário, com uma brutalidade feroz em todos os gestos, e um baixinho aterrorizante, que desconhece qualquer sentimento humano.







E não são só os romanos que têm motivo de sentir medo de nós. Por Tutatis, os javalis da floresta têm boas razões para tomar cuidado: Obelix e eu estamos saindo para a caça.

No caminho, cumprimentamos uma jovem da aldeia. E é aí que tudo começa. Obelix, fulminado, esbarra numa árvore. E, é claro, a árvore desaba.

— Está louco, Obelix?! Você fica brincando de derrubar as árvores na hora em que eu estou colhendo visgo?

E Panoramix, nosso druida, que aparece de repente no meio da folhagem.

— Que árvores?

— Estas árvores aqui!

Ah, esta daqui! Bom, também essa floresta está muito mal arrumada, com árvores para todo lado!

E pegando a árvore, Obelix cuida de plantá-la novamente no lugar, com druida e tudo.

Depois, com um jeito estranho, começa a voltar para a aldeia. Eu o seguro pelas tranças:

— Ei, os javalis não estão daquele lado!

— Ah, é! Então vamos logo.

Efetivamente, andamos bem depressa. Os javalis bem que tentaram fugir de mansinho, mas nós os agarramos, derrubamos e convidamos para estar junto conosco no jantar...





Nada como um bom javali assado para dar ânimo novo à gente! E, conhecendo Obelix como eu conheço, o remédio deve fazer efeito.

— E então, Obelix, está gostoso, hein?

— Aah... Bem, sabe, não estou com tanta fome assim...

É grave! É um caso realmente muito grave! E só existe um druida que pode fazer alguma coisa por ele:

— O Panoramix nosso druida!

— O quê?

— Estou preocupado... Obelix está doente... Sentado diante de um javali, diz que não está com fome...

— E não comeu nada antes disso?

— Comeu, dois javalis.

— Hmm... Para ele, é o mesmo que dizer que não comeu nada! Vamos ver.

E nós passamos novamente pela bela gaula louca.

— Panoramix, quem é ela?

— É... Oh! Veja! Lá está o nosso inapetente!

— O quê?

— É, ele está sem apetite! Hê hê hê! De fato, atrás da bela moça, Obelix parece estar andando dentro de um sonho:

— Ei, aonde é que você vai, Obelix?

— Entregar um menir enorme...

— Mas você não está carregando nenhum menir!

— Hein? Não estou carregando... Pobre Obelix! Até mesmo Idéafix olha para ele com um ar estranho.

Em duas palavras, Panoramix explica:

— É Falbalá, a sobrinha do nosso chefe. Ela voltou de Lutécia, onde estava estudando. Falbalá, você já conhece Asterix?



— Ah! Bom dia, Falbalá! Eu não reconheci você. Quando você foi embora, era uma menininha de cabelos presos e com duas tranças, como Obelix. Você se lembra de Obelix?

— É claro! Foi ele que caiu na poção mágica quando era pequeno. Tudo bem, Obelix?

— B...b...b...bom... dia... Fal...
Mas Falbalá já tinha ido embora. Panoramix cai na gargalhada.

— Hi hi hi, Obelix, meu amigo, você está apaixonado. Ah! E não há nenhuma poção mágica que cure a doença do amor!

E nosso druida volta para junto dos seus caldeirões, deixando Obelix sem jeito, como se um menir tivesse caído em cima dele...

Fico com pena.

— Aqui entre nós, Obelix, a pequena Falbalá lhe agrada?

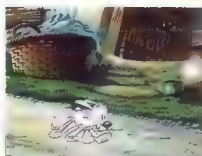
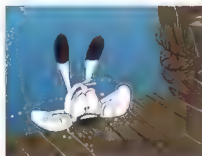
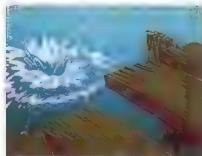
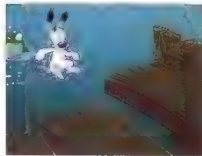
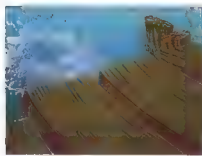
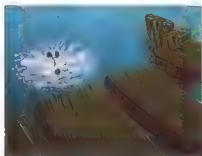
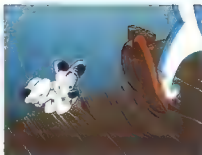
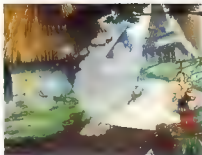
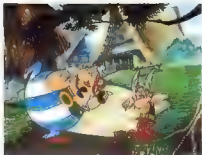
E a única resposta que eu recebo é uma espécie de grunhido confuso...

— Tanto assim?

O grunhido fica mais alto...

— Nesse caso, você devia dar um presentinho para ela...

— Que ótima idéia! — grita Obelix.





Dito e feito: um relâmpago azul e branco atravessa a jato a pequena ponte onde estávamos conversando. E volta com um presente imenso enfeitado com um laçarote.

— Não, Obelix, não! Você não vai querer dar isso para ela!

— Mas é o meu menir mais bonito!

— O que você deveria dar são... flores, por exemplo! Você devia ir colher um belo ramo de flores na floresta. Isso sim, vai deixá-la contente!

— Você sabe tantas coisas, Asterix...

E lá se vai o meu Obelix, com um ramalhete na mão, as flores combinando com as riscas das calças. Eu dou o incentivo:

— Ficou ótimo o seu buquê, bem poético. Pode ir, chame Falbalá.

— Não! Chame você! Eu não tenho coragem!

— Tudo bem... FALBALÁÁÁ!

— Fale baixo! Ela vai ouvir...

— Falbalá, meu amigo Obelix trouxe um presente para você!

Com um gesto mecânico, Obelix estende o braço. Na mão, as flores.

Não querendo perturbar um encontro tão romântico, eu decido ir embora. Mas de repente...





Uma cena que parece teatro! Falbalá joga as flores para o alto e se precipita nos braços de um belo jovem. E não é Obelix...

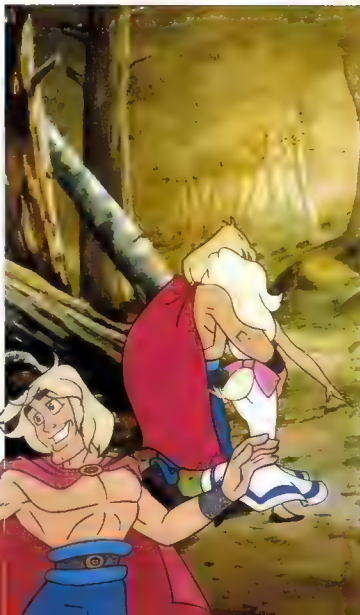
Perdido em seu devaneio amoroso, ele demora a perceber que a bela Falbalá já está bem longe.

E Abracurcix, nosso chefe, se encarrega de desfazer suas últimas ilusões:

— É Tragicomix, filho do chefe Diretrix! Eles estão noivos. Você não tem a menor chance!

Para grande surpresa do chefe, Obelix explode em soluços. Então, em três palavras, eu resumo a situação: "Ele está apaixonado!"

Enquanto isso, os noivos desaparecem na floresta, ignorando que um indiscreto de quatro patas os acompanha de longe...



Eu nunca vi Obelix naquele estado! Eu tento consolá-lo dentro do possível. Bruscamente, Idéiafix aparece. Traz nos dentes uma fita cor-de-rosa: a fita de Falbalá. **POR BELENOS!?**

— Diga, Idéiafix, onde foi que você encontrou esta fita?

Que cãozinho esperto! Ele nos leva a toda velocidade para a floresta. Logo, ele pára ao pé de uma moita.

— Obelix, Idéiafix encontrou alguma coisa!

— E o que é?

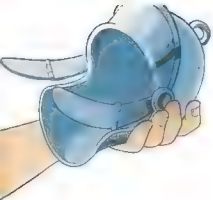
— Um capacete. Isso é coisa dos romanos. Eles levaram Falbalá e Tragicomix.

Agindo apenas inspirado por sua coragem, Obelix está pronto para a luta:

— Ótimo, ótimo, vamos lá...

— Ah não! Não seria nada educado querer aproveitar sozinho, Obelix. Vamos chamar nossos amigos da aldeia.





E começa o ritual. Caldeirão. Água fervente. Na penumbra da sua cabana, Panoramix junta um a um os ingredientes secretos. Fervura alegre, e depois furiosa. Lagosta. Um perfume estranho e penetrante chega até nós.

Na porta, nós todos esperamos, bem comportados, em fila, apesar de todos os "vamos parar de empurrar aí atrás" que também fazem parte do ritual.

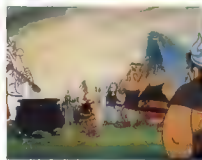
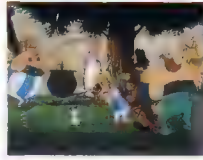
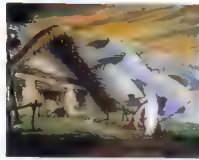
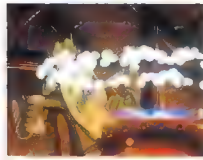
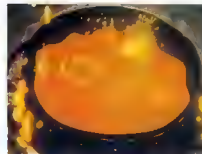
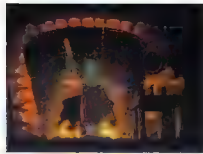
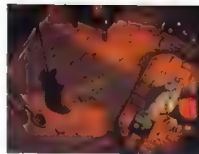
É Veteranix, o decano da nossa aldeia, quem tem a honra de provar em primeiro lugar esta poção mágica que dá uma força sobre-humana.

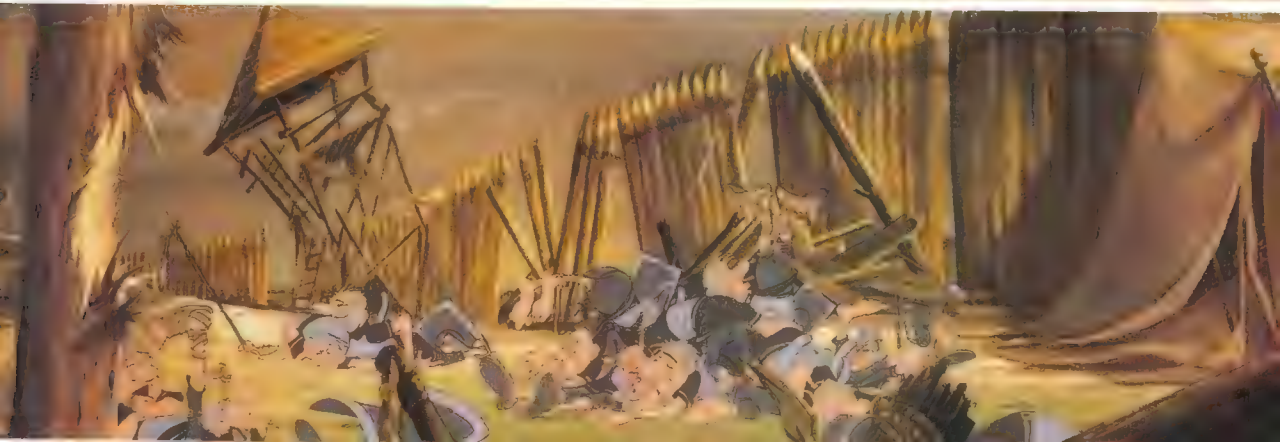
E pela primeira vez — é, pela primeira vez — Obelix não pede para tomar também.

— Está vendo, Panoramix, hoje eu não vou pedir para tomar a poção mágica. Porque eu sei muito bem que se eu pedir a poção mágica, você vai me dizer mais uma vez que eu caí-dentro-quando-eu-era-pequeno-e-blá-blá-blá-blá-blá...

Finalmente, dão o sinal:

— AO ATAQUE. POR TUTATIS!







A batalha que se seguiu foi tão violenta que, por respeito às almas sensíveis, eu prefiro não contá-la e ficar em silêncio. Um silêncio igual ao que caiu sobre o acampamento romano.

Jogado em um canto, o centurião Terminus ficou em mau estado. Apesar disso, ele me espera, cheio de pose:

— *Veni, vidi, e não vici!*

*Gaulês, previ tudo
para esta morte justa.
Romanos sabem morrer!
E com a espada robusta,
Você vai cortar
o fio dos meus dias...*

— Deixe de bobagens! O que você merece é um belo par de bofetões se não me disser onde estão os prisioneiros!

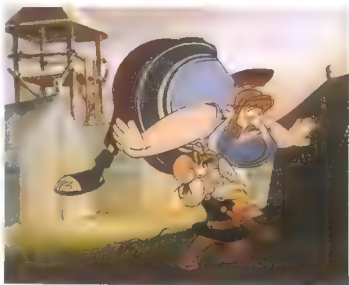
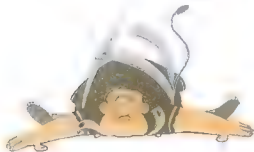
— Ah, os prisioneiros... Que história triste. Se esse imbecil do decurião Eiassus não tivesse querido mostrar serviço prendendo os dois, ainda estaríamos tranquilos, cuidando da nossa horta. Eu me liberei dos prisioneiros, gaulês! Eles estão a caminho de Condate*. Foram para a Legião Estrangeira.

Agora eu sei o que nós temos de fazer.

— Ei, Obelix!

— Estou acabando só mais um, e já vou!

— Não precisa mais. Vamos para Condate!







Em Condate, a primeira coisa a fazer é perguntar a um legionário onde fica o quartel-general. Bem à nossa frente, uma patrulha martela a rua com seu passo cadenciado.

— Vamos pará-los, Obelix?

Sempre pronto a colaborar, Obelix ataca, e com o seu punho cadenciado martela os romanos. Eu fico irritado:

— Mas só precisava fazê-los parar!

— Bom, agora eles estão parados.

— Às vezes a gente precisa aprender a ser gentil, Obelix!

Agarrando um pé que aparece no meio daquele amontoado, eu sacudo vigorosamente o dono.

— O senhor poderia fazer a bondade de me dizer o local onde se encontra a sede da Legião, por gentileza?

— Terceira rua à esquerda, mas não bata mais, por favor.

— Obrigado.

Eu prefiro ir até lá sozinho. Com Obelix, nunca se sabe... Às vezes falta a ele um certo verniz de boa educação.

Apresento-me com gentileza ao legionário de sentinela. Mesmo assim:

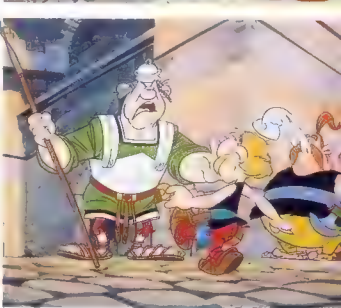
— Não pode passar, gaulês. Se quer se alistar, entre na fila como os outros!

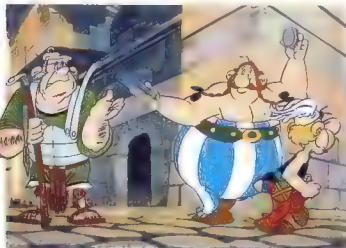
— Desculpe, eu só vim até aqui para conseguir uma informação...

— Entre na fila, gaulês, já disse!

Este militar não tinha a menor civilidade, e eu me vi obrigado a usar minha força de persuasão. O que causa em Obelix uma certa perplexidade...

— Ora, eu não vi a menor diferença entre a gentileza de Asterix e a minha.





Um pequeno cartaz em uma porta: **INFORMAÇÕES**. Bato à porta. Do outro lado, a reação:

— O que é? Ninguém nunca

vem aqui!

Bato com mais força. **BANG!**

— Isso mesmo, quebre a porta!

Não precisa falar duas vezes.

CRAAAAC!! E num tom gentil:

— Estou procurando um legionário chamado Tragicomix convocado à "vrça na Armórica.

— Não podemos lhe dar esse tipo de informação...

Bato com mais força ainda. Mas não na porta, dessa vez.

— Aah, espere, a folha de serviço dele está aqui...

A situação é grave. Chamo Obelix. Mas parece que ele também precisa resolver algumas formalidades administrativas.

— Asterix — pergunta Obelix — o romano com quem você foi muito gentil foi muito gentil comigo. Eu posso ser muito gentil com ele também?

— É claro!

— Levante um pouco a cabeça, romano, por gentileza...

E, mais uma vez, o legionário tem a oportunidade de apreciar as boas maneiras gaulesas...

Em duas palavras, ponho Obelix a par dos fatos:

— Tragicomix e Falbalá estão a caminho da África. A única maneira de ir atrás deles é se alistar na Legião, e bem depressa!

Assim, saímos do quartel para entrar na fila com os outros voluntários da Legião romana.

O sentinela, que mal acabara de chegar de volta à terra, perde o seu latim...



Pouco depois, alguém vem nos procurar:

— Ah, aqui estão os nossos jovens, voluntários para entrar na Legião! Sejam bem-vindos! Eu sou o decurião Quebraossos, grande amigo de vocês. Se vocês quiserem ter a bondade de entrar... Vamos registrar os seus nomes. Você aí, como é que você se chama?

— Paguessuatax, bretão, eu digo!

— Estranho para um bretão... O seguinte.

— Passalopié y Contrafilé! Olé!

— E como é que se escreve isso?

— Escute, decurião Quebraossos, não importa. Escreva somente "Olé!". Nós somos Asterix e Obelix. Escreva logo os nossos nomes. Estamos com pressa.

Depois dessas pequenas apresentações, o exército romano se encarrega de fantasiar seus novos recrutas de legionários. Um pouco surpreso com a sua metamorfose, Obelix pergunta:

— Agora nós estamos no exército?

Mas o decurião não está para brincadeiras:

— Silêncio! Agora vocês estão no exército!

Obelix constata:

— Bom, foi isso que eu acabei de dizer.

Então Quebraossos, nosso decurião, se irrita:

— Em forma, e rápido! Vamos começar os exercícios.

Mas não adianta:

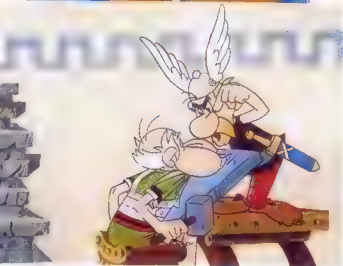
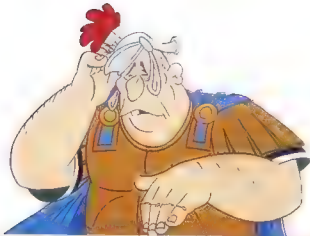
— Você quer que eu seja gentil com ele, Asterix?

— Ainda não, Obelix.

Com os nervos à flor da pele, o decurião berra:

— Silêncio, vocês dois!





Mas é um incompreendido...

— What does he say?

...que tenta compreender.

— O que foi que esse bretão disse?

Infelizmente ele continua a não ser entendido.

— What does he say?

E então torna a perguntar:

— O que foi que ele disse?

O viking tenta ajudar:

— Achar que ele perguntar o que você dizer.

Quebraossus se explica melhor:

— **SILÊNCIO!**

E Obelix diz ainda melhor:

— **SIII-LÉÊÊ-N-CIO!**

Eu, por minha vez, resolvo participar:

— Romano, será que ainda não acabou?

E então, vamos ou não vamos fazer esse exercício? Eu estou com pressa.

Nesse momento, uma sonora fanfarra de trompas ressoa na caserna. O hispânico, o bretão, o godo e o viking reagem com um belo coro:

— **ZUPPA! SOUP! suppe! SØPA!**

No fundo, eu acho que também estou com fome. E vou atrás dos outros, que correm para a cantina.

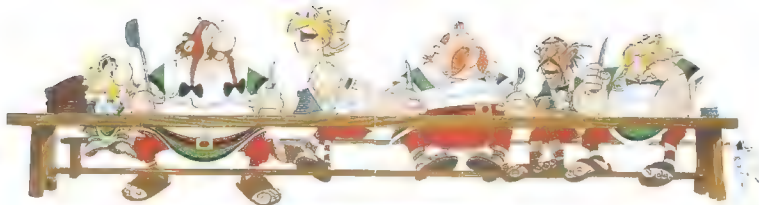
Atrás de nós, Quebraossus rebenta em soluços. Não sei bem por que... Mas Obelix, que conhece bem a vida, compreendeu:

— Aqui entre nós, Asterix, acho que ele está apaixonado.

Mais tarde, já curado dessa doença, ele comenta:

— Asterix, você acha que vão servir javali?

— Ah, Obelix, fique sabendo que quanto mais os exércitos são poderosos pior é a comida! Isso deixa os guerreiros de mau humor!



Logo vão cuidar de nós: um legionário entra com um caldeirão fumegante. Com uma concha — SPLITCH! — ele enche as nossas gamelas. E logo a mistura faz efeito sobre o nosso humor de guerreiro romano:

— Piff! Eu não sabia que o exército romano era tão poderoso assim. Fora de brincadeira, cozinheira, o que é isso?

— A ração do legionário. Trigo, toucinho e queijo. Cozinhamos tudo junto para ganhar tempo.

— E é a mesma coisa todo dia?

— Ah não! Domingo, servimos porções duplas!

— Só mesmo um bretão para gostar disso!

— Oh yes! Splendid! Marvellous! Wonderful! Isso não é?

Obelix não aguenta esse atentado àquilo que é mais sagrado para ele: sua gulodice. Então, sem hesitar, vamos conversar com o cuca.

— Ei! É você que prepara a comida?

— Por quê?

— Porque ela é uma droga!



Ao contrário da nossa expectativa, o interpelado não perde a gentileza:

— Será que os dois grandes gastrônomos queriam escolher os seus pratos antes de cada refeição?

— Isso mesmo, eu queria comer javalis.

E fica até extremamente gentil:

— Mmm! Vocês desejariam comer iguarias mais refinadas? Têm um paladar mais delicado?

Mas acaba mudando de tom:

— Saiam já da minha cozinha, ou eu mando prender vocês dois!

Então, é a vez de Obelix:

— Escute, Asterix, posso ser gentil com ele?

— Era isso mesmo que eu ia lhe sugerir, meu caro Obelix.

E unindo o gesto à palavra Obelix prepara carinhosamente para o mestre-cuca um olho com manteiga preta acompanhado de bolachas bem temperadas. Depois, agita delicadamente no caldeirão de ensopado. Quando fica no ponto, ele acrescenta:

— Escute aqui, romano! Cada vez que nós não gostarmos da comida, vamos voltar aqui para lhe visitar!

E fazemos meia-volta, deixando o mestre-cuca de molho...





Depois do rancho, o nosso instrutor, Quebraossus, entra no cerne da questão:

— Vocês vão servir na 1 Legião, III Coorte, II Manipulo, I Centúria. E precisam dizer isso tudo quando se apresentarem a um superior. Você, baixinho, apresente-se!

— Asterix, gaulês!

Obelix, por sua vez, estende a mão:

— O meu nome é Obelix, e o seu?

— Decurião Quebraossus, I Legião, III Coor... Ah! Grrr! Entrem em forma, vamos começar os exercícios.

— Legionário Obelix, isto aqui é um pilum. Você precisa acertar naquele alvo lá longe. Pode tentar.

E o pilum de Obelix atravessa magnificamente o pátio, depois o alvo e finalmente atinge o cozinheiro, o qual não apreciava muito esta intrusão na parte mais carnuda da sua pessoa:

— Ai! Pelo menos me dê um tempo para eu preparar os javalis!

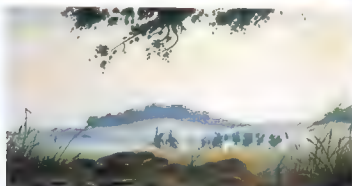
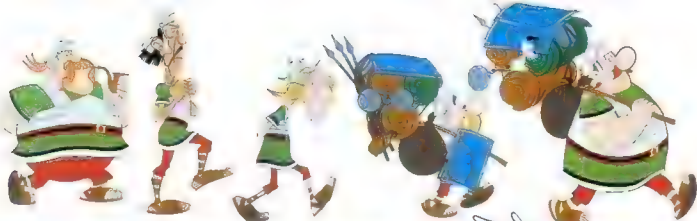
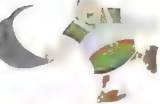
Um pouco surpreso, Quebraossus começa então a nos ensinar o manejo de outra arma:

— Vamos nos exercitar com o gládio! É claro, vamos usar armas de treinamento, feitas de madeira... Vamos, é você, eu vou atacar e você se defende!

Disciplinado, Obelix executa as ordens, e Quebraossus sai voando pelos ares na direção da cozinha. O cozinheiro não contava com esse ingrediente.

— Decurião, assim não dá, a sopa vai ficar com um gosto muito estranho!





Sob o comando do decurião Quebraossus, que decidiu que as nossas aulas já tinham durado demais, os homens da I Legião, III Coorte, II Manicoisa e I Centreco deixamos Condade na direção de Massilia*, porto de embarque para a África.

No início, nosso chefe está cheio de entusiasmo:

— Bando de bárbaros! Agora não estão tão orgulhosos quanto antes! Vamos, marchem, pela glória de Roma!

Bravo! Que belo discurso! Só que nós, em vez de marcharmos, corremos a toda velocidade para chegar mais depressa. E com bom humor. Nesse ritmo, Quebraossus fica menos entusiasmado:

— Já marchamos demais. Vamos fazer uma parada.

Mas nós brincamos com ele.

— Pode parar se quiser. Nós nem ligamos!

Agora, a pequena tropa continua em marcha, só que a ordem dos elementos do comboio foi ligeiramente modificada.

Muito atrás, Quebraossus fala em abandonar a Legião romana e em voltar a Roma, onde irá utilizar de outro modo os seus talentos...

Finalmente, chegamos a Massilia. O comandante do navio parece impaciente para partir. Mas não tanto quanto nós:

— Estamos com pressa! Traga a prancha! Soltem as amarras!

— Ei, que história é essa? Como, soltem as amarras?

Tarde demais! As amarras foram soltas, a corrente da âncora sobe pouco a pouco, a vela maior se infla, e já partimos...

Quebraossus não embarca: por Belenos, o que ele iria fazer nesta galera?



Ao final de alguns dias de agredável navegação, chegamos às portas do acampamento romano.

Seu interior, é claro, estava cheio de romanos. Prudentemente, aviso a Obelix:

— Não faça nada com eles! Por enquanto, são nossos amigos!

— Quer dizer que nós ficamos amigos dos nossos inimigos... Explique melhor, Asterix!

Mas como é preciso viver antes de filosofar, levei Obelix para a cantina.

O mestre-cuca fala pelos cantos:

— Ah, o deserto!... Vento, areia... É preciso ser louco para sair com um vento desses. Eles devem estar em péssimo estado!

Eu tento saber mais:

— É mesmo? Eles quem?

— Dois gauleses, um homem e uma mulher.

E ele explica que a mulher (que é seguramente Falbalá) agradou ao centurião Mesquinus. Então, ele ficou um pouco inconveniente. Mas ela se defendeu. Nesse momento, o outro gaules (Tragicomix!) entrou na história. Levou a moça, roubando um carro de combate, e os dois irresponsáveis fugiram para o deserto.

Para nós, é claro, não há mais nada a fazer por aqui. Chamo Obelix, que procura por Javali assado em toda parte.

— Ei, Obelix, vamos embora.

Surpresa do cozinheiro:

— Mas os legionários não têm direito de sair do acampamento!

— Então nós não somos mais legionários! Vamos embora!





Avançando lentamente pelo deserto imenso, nós não iríamos longe se...

— Asterix, olhe lá, uma caravana!

Realmente, cor de areia, uma longa fileira de beduínos vem na nossa direção! O chefe vem ao nosso encontro. E diz:

— Decididamente, há muita gente neste deserto! De onde são vocês?

— Da Gália.

— Ah, vocês também?

— Como, “vocês também”?

— Nós acabamos de ven... quer dizer, de acompanhar um gaulês e uma gaulesa que encontramos no deserto.

De vender? Então, são traficantes de escravos!!! Que camelos! Sem mais nenhum salamaque, Obelix faz homens e animais saírem rolando com corcova e tudo. Depois, mudando de idéia, pega dois dromedários para nosso uso pessoal. E nós seguimos viagem.

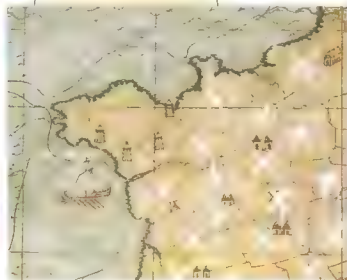
Sempre prático, Obelix pergunta:

— Asterix, aonde vamos, agora que não somos mais romanos?

— Para Roma.

— Para Roma?

— Claro, deve ser lá que os nossos amigos vão ser vendidos como escravos. E, acredite, se os romanos criarem algum caso por lá, quando nós sairmos a cidade vai estar coberta de ruínas!



Hê hê hê. Palavra de Caius Obtusus, é hora de ir prestar contas a César da programação que eu fiz para seu desfile triunfal. Hoje ele deve estar de bom humor: os escravos de todos os países conquistados estão chegando a Roma, carregados de presentes.

— Ó imortal imperador, você pode ficar feliz! Seu triunfo será ótimo.

— Caius Obtusus, eu quero uma festa magnífica, uma festa digna dos meus feitos...

— ...a festa mais bonita do mundo, ó César.

— E o espetáculo, Caius?

— Oooh, oh! O espetáculo! Vamos soltar dez mil pombos antes de você, grande César, dar a partida da corrida de carros. Depois, vêm os gladiadores. Preparei para você, ó César, homens magníficos, de uma força prodigiosa, e depois...

— Eu nomeei você organizador do meu triunfo; se for um sucesso, farei de você o homem mais rico de Roma. Mas se você fracassar, também vai tomar parte na festa... dentro do fosso dos leões.

Ai aí aí, assim vai dar errado. César se aproxima do mapa onde um legionário assinala as províncias que lhe mandaram presentes. Com certeza, ele vai perceber que...

— Você me disse que estão chegando presentes de todas as nossas províncias?

— É, César, milhares de presentes.

— Vindos de todas as nossas províncias?

— É... de todas as nossas províncias...

bem...

Todas mesmo? Até de uma certa aldeia gaulesa?

— Bem, César, de toda parte... bem... de toda ou quase toda...



Para remediar este passo em falso, eu preciso ter muitos escravos nos jogos do circo. Por sorte, é hoje que funciona o mercado dos Comerciantes de Escravos Estrangeiros (C.E.E.). Ah, logo ali está Fanfrelus, o importador especializado em mercadoria vinda da África. Curioso... Parece até que ele tem gauleses no balcão...

— Fanfrelus, mas geralmente você vende escravos africanos!

— Esses aqui chegaram da África, Caius. Mas são originários da Gália.

— Ah, bom. A moça não me interessa, mas o rapaz é bem forte. Quanto você quer por ele?

— Eu vendo os dois por três mil sestércios.

— Pfff! Três mil! É caro demais!

— Mas é mercadoria rara! Eles vieram do final da Gália, da Armórica!

Da Armórica, ora vejam só. Talvez sejam irredutíveis... Seria uma bela surpresa para César, e eu voltaria às boas com ele. **EU PRECISO DESSES ESCRAVOS:**

— Diga, Fanfrelus, parece que o seu balcão está meio fora do alinhamento... hein? Imagine se o prefeito de Roma souber disso... hê hê! Você perderia o seu negócio!

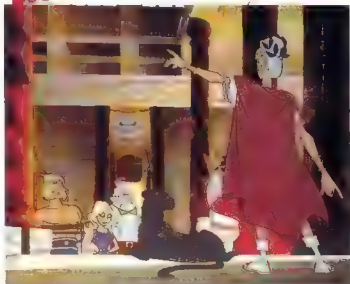
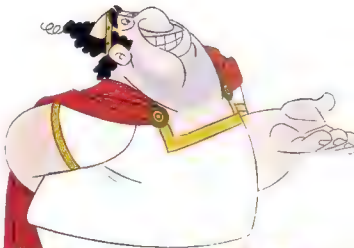
— Eu vendo os dois escravos por dois mil sestércios. Que tal?

— É claro que você tem o certificado de importação desses gauleses, não é? E se um tribuno da cidade pedir?

— Digamos mil sestércios, Caius Obtusus.

— E, bem... sua licença de traficante de escravos foi renovada?

— Cinquenta sestércios, grande Caius.





— Só mais uma coisa... Você está em dia com os impostos?

— Aceite esses escravos de presente, imortal Caius Obtusus, será uma honra para este humilde comerciante.

Resolvido... hê hê hê. Agora que consegui os dois irredutíveis, posso voltar com eles para ver César com a cabeça erguida.

— Ave, César.

— Ave, Caius. E então, o que há de novo em relação ao meu triunfo?

— Bem, eu previ que vão passar diante de você escravos vindos de todos os países que você conquistou!

— De todos os países?

— Todos, todos mesmo, César! Os próprios irredutíveis vão se curvar em sua homenagem na arena do circo!

— Nunca!

O quê? O quê? Como, nunca? Esse jovem escravo gaulês ousa responder a César...

— Sou Tragicomix, filho de um chefe da Armórica, e não um escravo!

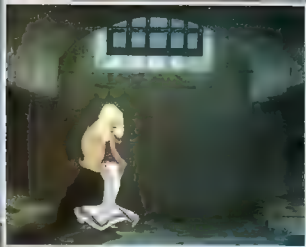
— Você é bem atrevido, jovem gaulês. Mas você tem razão, eu vou reservar um outro destino para você, um destino mais digno da sua ousadia. Mandem prendê-lo sozinho em uma cela!

— Não, não, eu nunca vou me separar dele. Prefiro morrer!

Agora é a outra, a mocinha, quem está se metendo. Ah! Nada como as matronas calmas... E César — mas como ele é generoso!

— atende ao seu pedido:

— Morrer? Se é essa a sua vontade... Ponham todos os dois nas prisões do Coliseu... Vanios atirá-los aos leões.





Qualquer um sabe que todos os caminhos levam a Roma. Até mesmo no deserto! Assim, chegamos sem problemas à Cidade Eterna.

Para encontrar Tragicomix e Falbalá, vendidos pelos beduínos do deserto, o melhor ainda é ir até o mercado de escravos. Parece que alguns comerciantes dali oferecem mercadoria vinda da África. Um deles está aqui.

— Escute, será que você não vendeu um rapaz e uma moça vindos da Gália?

— Uma informação? Ah, isso custa bem caro.

Ao meu lado, eu vejo o meu bom Obelix, morrendo de vontade de acertar logo as contas. E como ele é muito mão-aberta com os amigos, paga tudo em belas bofetadas sonantes, uma em cima da outra. O mercador, que recebeu mais até do que lhe era devido, não regateia explicações:

— Eu vendi os dois a um certo Caius. Não é difícil de reconhecer. Está sempre vestido de vermelho, e vai todo dia aos banhos... Sem hesitar, vamos também.

No vestíbulo de entrada, um jovem efêbo nos recebe:

— Nobres senhores! Precisam se despir! Obelix fica perplexo.

— Esse aí é amigo?

— É sim, Obelix, vamos fazer o que ele diz!

Saindo do vestiário, vamos para o sudatório. Um homem nos manda parar na entrada:

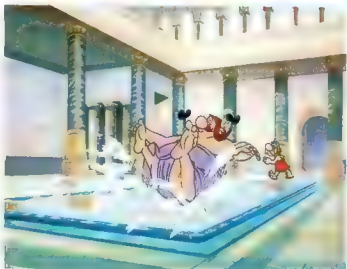
— Não pode entrar aí, baixinho...

Mas Obelix não entende:

— Com quem você está falando?

— E você, gordão, ninguém lhe perguntou nada!

— Escute, Asterix, esses aí não são amigos, são?





— Claro que não!

— Ótimo!

E, de um golpe, o "gordão" manda seu interlocutor se esborrachar no outro canto.

Quanto a mim, compreendo que em um lugar onde todo mundo está nu não há a menor chance de encontrar uma toga vermelha com Caius Obtusus dentro. Assim, decido pôr fim ao nosso banho.

Mas Obelix não. Ele viu uma piscina. Sem hesitar, ele pula. Mas não há lugar para dois: é ou ele ou a água. E a água vai embora.

Irritado, eu o levo para o vestiário. Lá nós encontramos Idéiafix, ou melhor, Obelix encontra o cachorrinhozinho do papai. Eu explico a esse amigo dos animais que é muito importante encontrar Caius Obtusus.

Mas ele não me escuta:

— E a belezinha do papai se comportou bem direitinho?

E aí eu me irrito...

— Mas ande logo! Já ficamos tempo demais por aqui! Ande logo, Obelix!

— Escute aqui, senhor Asterix! Eu tenho todo direito de cumprimentar o meu cachorrinho.

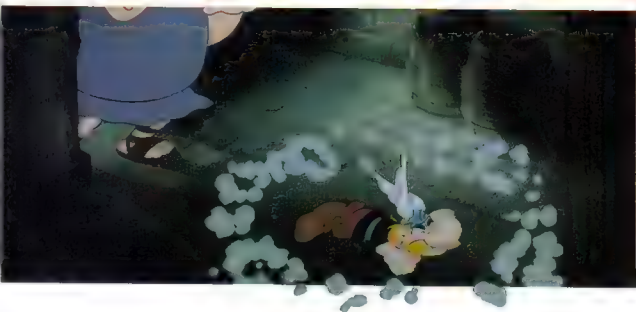
— Escute aqui, senhor Obelix! Não tenho tempo a perder!

— E não grite, você vai assustar Idéiafix!

— Eu estou calmo, Obelix!

— E eu também estou CAAAALMO! Cada minuto é precioso, e saio do vestiário deixando Obelix acabando de se vestir.

Ele vai conseguir me encontrar sozinho.





Mas com a nossa algazarra todo o bairro está em polvorosa. Alguns homens se aproximam. Aproveito para perguntar:

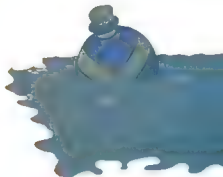
— Você conhece Caius Obtusus?

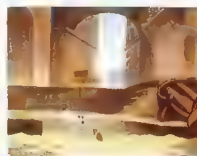
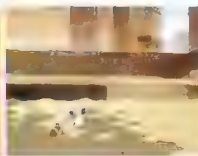
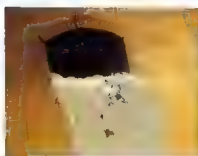
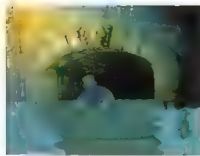
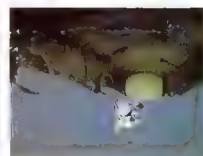
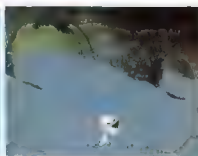
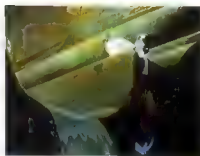
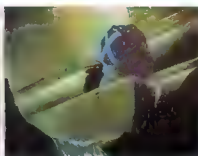
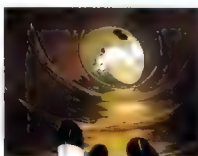
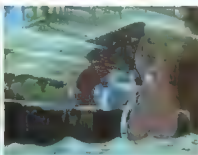
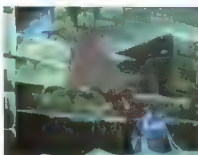
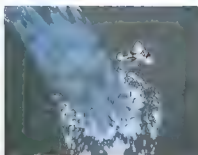
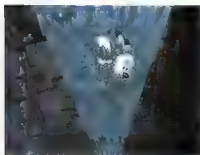
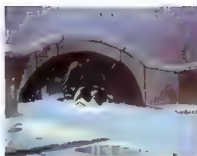
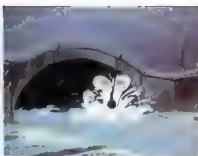
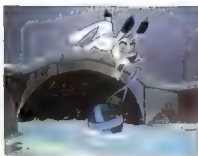
— Conheço, e muito bem! Ha ha ha! Ele dirige a escola de gladiadores, e está muito interessado em você! Podem pegá-lo!

Rápido, um gole de poção mágica. Meu cantil... Por Belisama! Perdi o cantil! Estou frito! Obelix, socorro, onde é que você está?

Os homens me atiram numa cela. Só. Lá fora, uma forte tempestade, um verdadeiro furacão. Os trovões roncaram. Obelix, onde é que você anda? Mas por que eu vim parar aqui? Por que Caius Obtusus está interessado em mim? Talvez ele tenha nos visto nas termas, e ficou impressionado com a força de Obelix. E acha que eu sou seu treinador... Obelix, Obelix? Ele deve estar me procurando. Posso imaginá-lo, vagando pelas ruas de Roma, gritando meu nome.

E pensar que eu perdi o meu cantil... Mas onde ele está, e quem o pegou? Ah, se Idéiafix estivesse aqui! Ele conseguiria encontrar o cantil...







Todas as nuvens do céu choraram comigo sobre Roma, e a água que escorre pelas *vias* desce também até a minha cela.

Onde está você, Obelix? A água não pára de subir. Estou com água pelo pescoço, vou me afogar... aah... ooh?... Obelix! Obe... Obelix! Aqui, estou aqui, socorro...

— Asterix, Asterix!!!

É Obelix. Estou ouvindo a voz dele, ele me procura. Mas ele não consegue me ver. Agora sim! Ele percebeu meu capacete flutuando, levado pelas águas. Lá vem Obelix! Mergulha debaixo d'água, arranca as barras da janela e me ajuda a sair.

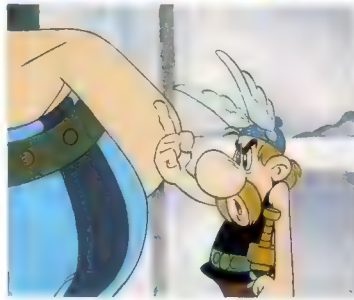
— Asterix!

— Obelix, meu amigo, você chegou bem na hora.

Afinal voltamos a nos encontrar, e a nos reconciliar.

— Com essa história toda, eu perdi a minha poção mágica.

— E eu perdi o meu cachorrinho... Não sei onde ele pode ter ido parar.



A tempestade passou. Um luar suave inunda o Coliseu. No silêncio da noite, uma voz de mulher canta. Muita gente escuta, emocionada até as lágrimas. Um romano nos explica:

— É uma prisioneira gaulesa. Ela canta assim todas as noites...

— Uma gaulesa? Tem certeza?

— É. No dia do triunfo de César, ela vai ser atirada aos leões.

É FALBALÁ!

Era só o que faltava! Não podemos deixar que isso aconteça! E digo alto, com raiva:

— E eu perdi o meu cantil!

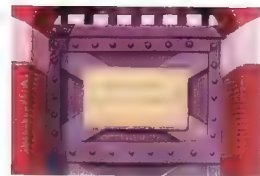
— O quê?

— Eu disse que eu só queria um cantinho no circo!

— Mas antes do espetáculo só podem entrar aqui os condenados, os leões e os gladiadores.

O canto de Falbalá continua a perturbar a noite romana. Levo Obelix para um canto:

— No dia do triunfo, nós vamos estar lá. Vamos virar gladiadores.



Dito e feito: nas primeiras horas do dia, nós nos apresentamos à escola de gladiadores. Do alto de uma tribuna, um homem gestucula

— provavelmente Caius Obtusus:

— Eu preciso de todos os dois, o gordão e o baixinho! Quero todo mundo procurando! Quero os dois aqui ainda hoje, entenderam?

Eu interrompo este doce colóquio:

— Você é que é Caius Obtusus?

— Eu sou, hein? Ah, eu não...eu...

— Nós queremos ver Caius Obtusus!

— Sim, não, quer dizer não, não, eu vou explicar, é muito simples...

— Nós queremos virar gladiadores.

Agora sim, finalmente ele fica calmo:

— Gladiadores? Vocês querem virar gladiadores? Então eu *sou* Caius Obtusus.

E chega até a ficar à vontade demais:

— Vocês querem virar gladiadores, hê hê!

Eu vou entregar vocês às mãos do mais terrível dos professores, o mais feroz dos treinadores: Quebraossus!

Quebraossus! Mas é o nosso velho amigo! Que estranho! Ele não parece contente de nos reencontrar:

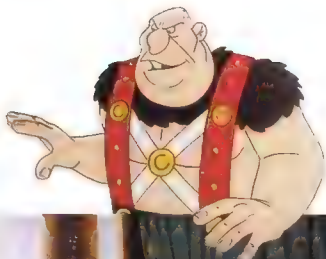
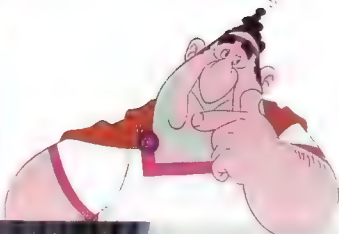
— Oh! Oh, não! Oh, socorro! Socorro, eu não quero! Tudo menos isso! Oh não, eu não quero ver esses dois!

— Nós queremos virar gladiadores! Por favor, Quebraossus, nos ensine como se faz!

De repente, Quebraossus se decide. Ele nos leva até o pátio onde treinam nossos futuros companheiros. Lá, ele faz as apresentações:

— Gladiadores, esses dois são novos! Vocês treinam eles para mim, certo?

E vai embora batendo a porta! Nossos amiguinhos não parecem ser muito hospitaleiros. Mas nós aprendemos a nos defender na dura escola da Legião, e os gladiadores ficam sabendo disso à custa de algum sacrifício...



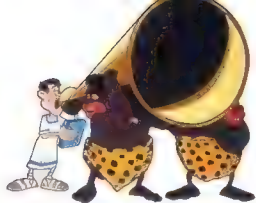
Ao nos ver sair ileso do pátio, Quebraossus começa a tremer como um javali na véspera de uma vitória gaulesa, e corre para apresentar sua demissão ao diretor:

— A-ca-bou! Adeus, Caius Obtusus!

— Aonde é que você vai?

— Vou pedir minha pensão de ex-combatente...





Finalmente, o grande dia chegou! E, por Juno, os jogos de hoje vão ser grandiosos...

Uma multidão impaciente, ávida de sensações fortes, enche as arquibancadas do Coliseu. Logo, as trombetas anunciam a chegada de César à tribuna de honra. Taratarii. E esta música soa agradavelmente nos ouvidos do Imperador. Chego perto do grande homem e sussurro nos mesmos ouvidos imperiais:

— Vai ser um triunfo, bem, triunfal, César! Nunca se viu nada parecido em Roma, um programa excepcional!

— Eu espero que seja, Caius, senão você vai tomar parte nele! Que comecem os jogos!

E as pombas brancas levantam vôo para assinalar o início do triunfo de César.

O stentor, grandiloquente, anuncia:

— Chegou o momento tão esperado... A CORRIDA DE CARROS!

Bom, até aqui tudo bem. Assim, não vou acabar os meus dias no estômago de um leão... Ah, está chegando o primeiro carro. Oh! Por Minerva! Mas o que é que esses dois gauleses estão fazendo aqui? Eles só deviam entrar para os combates de gladiadores, e não na corrida de carros!!! Epa! Não parece que César esteja gostando...

— Dois homens para dirigir um quatro-cavalo? Caius Obtusus, que novidade é essa?

Se pelo menos eles tentassem passar despercebidos... Mas não! Esses dois precisam sempre fazer um número de circo...

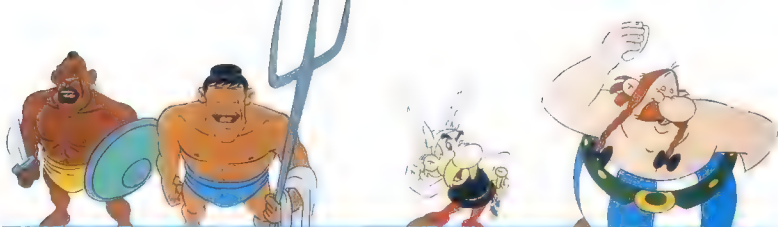
Pelo que eu conheço deles, vão acabar dando um jeito de chegar em primeiro lugar.

Veja só! Bem que eu disse.









Ah, ufa... O stentor já está anunciando o outro número do programa:

— E o ponto alto do nosso espetáculo: os gladiadores de Roma. Formados na escola de Caius Obtusus, para fazer do triunfo de César o maior triunfo do mundo.

Eu explico ao Imperador:

— Acho que eu fiz um bom trabalho, César. Você vai ver, neste grupo, dois homens que são inteiramente fora do comum.

— Ave, César! Os que vão morrer te saudam!

— Oi, Júlio! Tudo bem?

Ai aí aí... Esses gauleses...

— Eles não têm nenhuma educação, César... Mas são combatentes terríveis, verdadeiras máquinas de matar, a multidão vai ficar maravilhada!

Eu não podia ter dito melhor... Discutindo, os dois estão arrasando com todos os meus gladiadores.

— Mas Asterix, eles são nossos amigos?

— Acho que não, Obelix.

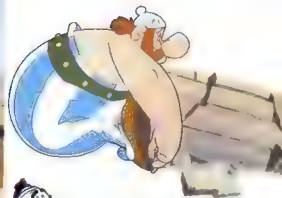
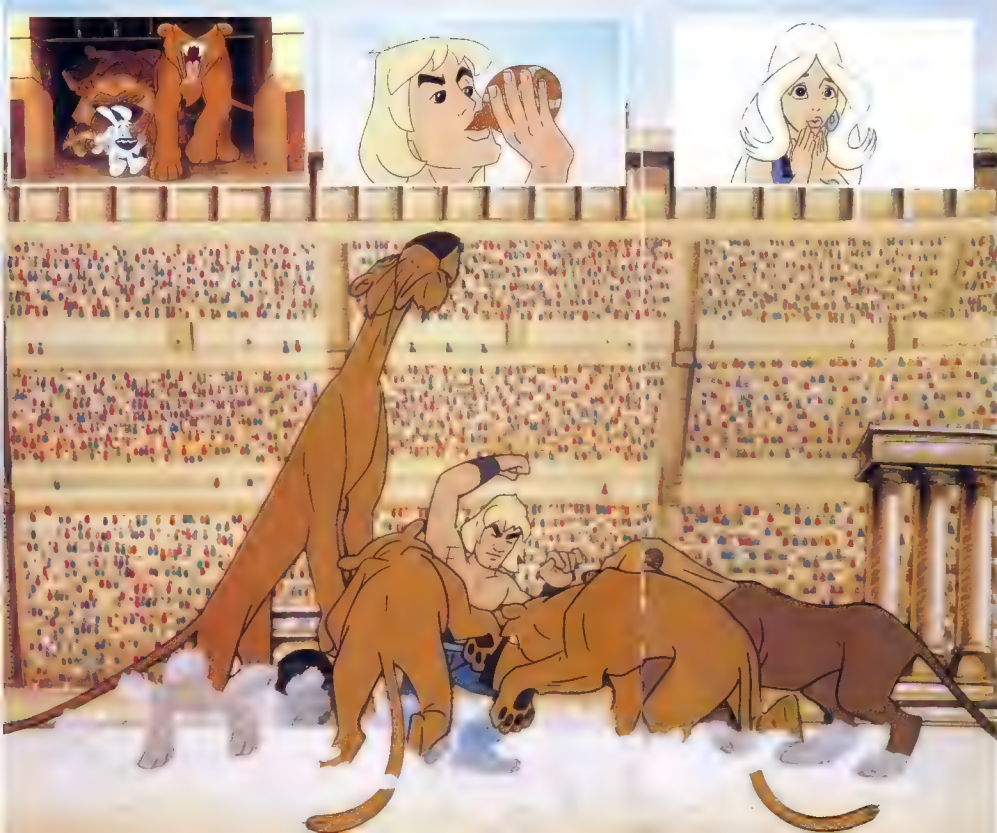
— Então não estou entendendo mais nada. Na Gália, eles eram nossos inimigos, na África eram nossos amigos. Talvez o Júlio possa me explicar.

Enquanto isso, Júlio não parece estar nada satisfeito. Depressa, soltem logo os leões!... Isso não pode falhar! Ele vai gostar, tenho certeza.

— Ó César, eles estão com uma fome terrível. Desde que foram capturados, só estão comendo um iogurte por dia!

O stentor explica à multidão que dois gauleses, Tragicomix e Falbalá (ufa! pelo menos dessa vez não são Asterix e Obelix!) vão ser entregues aos leões, e que o Imperador, magnânimo, vai autorizá-los a se defender com as mãos nuas contra as feras!





No mesmo momento, na arena, ouve-se:

- Meu cachorro!
- Minha poção mágica!

E adivinhem só! Efetivamente, é um cachorrinho que acaba de entrar, à frente dos leões mais ferozes do Império. O gaulês gordão (ele de novo!) grita “meu pequeno Idéia-fix”, enquanto o outro, o baixinho, pega o cantil que o cachorro carrega nos dentes. Uma cena tocante de família...

Mas eu estou sonhando? Onde é que esses dois acham que estão? Ah, finalmente, o gordão reage:

— Olha lá os leões! Oba! Oba!

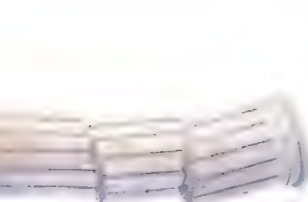
São loucos! São inteiramente loucos!!! Estão diante de duzentos mil espectadores, entre os quais o próprio Júlio César. Vão ser devorados pelos leões, e o que eles fazem? Eles acham graça!

Um cantil voa pelos ares. O escravo Tragicomix o agarra e bebe. É incrível! Está com sede e bebe! Como numa estalagem!

Felizmente os leões estão lá... isso vai dar um jeito nele, hein, hein...

Não deu certo! O gaulês que bebeu mandou as feras voando em cima da multidão. Pânico nas arquibancadas: os espectadores fogem rugindo de terror...





E para coroar a festa, vendo passar Falbalá, a bela gaulesa, Obelix, o gordão, esbarra numa coluna de mármore. A coluna desaba, enquanto à nossa volta tudo começa a tremer.

Impassível, César observa:

— Você tinha razão, Caius! É um programa excepcional, uma grande surpresa. Nunca se viu nada igual em Roma.

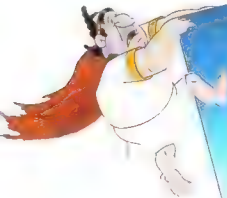
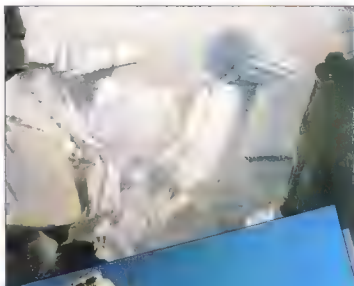
Antes que eu pudesse articular um som sequer, os quatro gauleses já estão à sua frente. Asterix pede a César:

— Seja generoso, César. Conceda o perdão a esses dois escravos corajosos!

— ...César é infinitamente magnânimo... — responde o grande César — ...ou quase.

E seu olhar penetrante gela os meus ossos. Mas, para os gauleses, ele continua:

— Vocês estão livres!







E, como sempre, nossos amigos da aldeia nos fazem uma surpresa, preparando um banquete. Um banquete magnífico. Abracurcix, nosso chefe, pede silêncio, e sobe na mesa para fazer um pequeno discurso:

— Meus amigos, meus queridos amigos... O triunfo de César foi principalmente o triunfo dos gauleses! É ao Imperador que eu e blablablá corajoso blablablá excepcional blablablá magnífico blablablá...

Mas, tentando arrematar, o nosso chefe perde o equilíbrio, desaba sobre um barril e rola por cima da mesa, aterrissando no meio das salsichas!

Enquanto isso, Tragicomix e Falbalá se perdem em longos agradecimentos. Tragicomix elogia Obelix, enquanto Falbalá se recompensa com um beijo, um beijo que... bem... bem ... ah, mas que bobagem, me faz ficar vermelho como um menino, e me deixa numa estranha agitação, o coração enfeitado, a alma vaga e doce, e, indiferente a tudo, eu me isolo num canto para sonhar...





FIM
do episódio

SINTO-ME
TÃO FRAQUINHO,
PANORAMIX!...

NÃO, OBELIX, VOCÊ
NÃO PODE TOMAR A
POÇÃO MÁGICA! JÁ DISSE
MAIS DE MIL VEZES QUE
VOCÊ CAIU DENTRO DELA
QUANDO ERA BEBÊ!



TÍTULOS
PUBLICADOS

- ASTERIX, O GAULÊS
 - ASTERIX E CLEÓPATRA
 - ASTERIX E O COMBATE DOS CHEFES
 - ASTERIX ENTRE OS BRETÕES
 - ASTERIX NOS JOGOS OLÍMPICOS
 - ASTERIX E O CALDEIRÃO
 - ASTERIX NA HISPÂNIA
 - ASTERIX E A CIZÂNIA
 - ASTERIX ENTRE OS HELVÉTICOS
 - ASTERIX EM UMA VOLTA PELA GÁLIA
 - ASTERIX E O ESCUDO ARVERNO
 - ASTERIX GLADIADOR
 - ASTERIX E A FORÇA DE OURO
 - ASTERIX E OS NORMANDOS
 - ASTERIX E OS GODO
 - ASTERIX E O DOMÍNIO DOS DEUSES
 - ASTERIX LEGIONÁRIO
 - ASTERIX E OS LOUROS DE CÉSAR
 - ASTERIX E O ADIVINHO
 - ASTERIX NA CÔRSEGA
 - ASTERIX E O PRESENTE DE CÉSAR
 - ASTERIX E A GRANDE TRAVESSIA
 - OBELIX E COMPANHIA
 - ASTERIX ENTRE OS BELGAS
 - O GRANDE FOSCO
 - A ODISSÉIA DE ASTERIX
 - O FILHO DE ASTERIX
 - AS 1001 HORAS DE ASTERIX
 - A ROSA E O GLÁDIO
-
- OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX
 - A SURPRESA DE CÉSAR
 - COMO OBELIX CAIU NO CALDEIRÃO DO DRUIDA QUANDO ELE ERA PEQUENO

